

GALERIA THEATRAL.

JORNAL CRITICO-LITTERARIO.

Publica-se aos Domingos, e Quartas feiras. — As assignaturas fazem-se unicamente na typographia da travessa das Mercês n.º 11.

Assigna-se por anno : 1:000 rs. — Por semestre : 600 — Por trimestre : 300 — Por mez 120 = Avulso 20 rs.

GALERIA.

THEATRO DE S. CARLOS.

A *Alzira* foi antes d'hontem pela primeira vez representada neste theatro. A *Alzira* senão é uma das mais felizes inspirações de *Verdi*, todavia não envergonha o insigne *maestro*.

A *Galeria* não pôde ser injusta, e por isso não deve callar a execução da *Alzira*. Os artistas do theatro lyrico não desmereceram do seu antigo credito. O sr. *Baldanza* chegou a provocar applausos, apesar de não ser noite propicia para estas demonstrações.

A poesia é de Salvador Camarano. E' como se segue :

Um governador do Perú por nome Gusmão morria d'amores por *Alzira* filha do chefe d'uma tribu peruviana. Mas quando o sr. Gusmão se lembrou de amar a sr.^a *Alzira*, já esta menina tinha entregado o seu coração ao sr. *Zamoro*, que era collega de seu pai, isto é, chefe d'outra tribu. Mas o nosso amigo governador, não era homem de meias medidas, aproveitando-se da circumstancia de ter em seu poder o amante de *Alzira*, obriga esta a acceita-lo como espoz, ou a ver condemnar o seu amante *Zamoro*. *Alzira* vacilla, e para conservar a vida a *Zamoro*, cede e acceita a mão do governador. Prepara-se tudo para o casamento, mas no momento, em que o noivo vae a dar a mão a *Alzira*, é apunhalado por *Zamoro*, que se tinha disfarçado com os uniformes de official da casa do governador.

A salla de S. Carlos estava illuminada a gaz. Fazia um effeito maravilhosa. Louvamos e agradecemos á empreza tão util introdução. As reflexões da *Galeria* no ultimo numero tiveram uma completa justificação.

Acabaram os misterios da terceira e quar-

ta ordem. Ficou tudo franco e patente. A sala parece outra.

THEATRO DE D. MARIA II.

A *Mendiga*, drama original, em quatro actos e um prologo — pelo sr. Braz Martins.

Registrar as produções dos nossos authors, será sempre para nós uma nobre tarefa. Quando o author ainda não é conhecido, quando uma primeira produção apparece, muitas vezes tem de fazer-se uma critica menos severa, para não o esmorecer. E' preciso que não animadora o sustente, nos primeiros passos da litteratura, para lhe vencer as difficuldades. Mas o sr. B. Martins não está neste caso. E' muito conhecido do nosso publico, como actor; e já muito admirado como author. Por tanto, nem elle, nem o seu drama, teem necessidade do mais pequeno favor. Apresentaremos, pois o nosso juizo ácerca da *Mendiga* como realmente o sentimos; sem que tenhamos de futuro o menor remorso de havermos mentido á nossa consciencia, ou faltado á consideração que devemos a nossos leitores. Seremos os intepretes fieis dos nossos proprios sentimentos, e dos do publico, que mostrou, mais uma vez, quanto sabe avaliar o verdadeiro merecimento.

A acção do drama é familiar e contemporanea. Gaspar de Mendonça, doutor em medicina, vivia em Bemfica em 1817, em companhia de sua mulher D. Thereza, e dois filhos: Julio de 5 annos e Maria de quatro. Luiz da Costa, não podendo seduzir D. Thereza, faz crer a Gaspar, por meio de uma carta, que Maria não é sua filha, mas d'elle Costa, que parte para o Rio de Janeiro. O portador desta carta, é José da Serra, criado de Luiz, e por elle comprado para esse fim. Gaspar allucinado pelo ciume, arrebatou Maria, e embarca tambem para o Rio com o intento de a levar ao pai supposto, e de o matar depois.

Decorreram 22 annos. D. Carlota de Lima

vae dar um baile, em que hade ser publicado o cazamento de D. Maria, sua sobrinha e herdeira, com o commendador Pinto, intimo amigo de José da Serra. Este, que pelo prestimo de bufurinho das senhoras tem entrada nas melhores cazas, apresenta o barão de Minas, no baile, a que tambem concorre Ernesto de Brito, guarda livros d'um negociante, e amante de Maria. O barão ao tira-la para par, repara n'um anel que ella traz no dedo, interroga-a, certifica-se de que é sua filha, e que ama Ernesto. Sem se descobrir, resolve desfazer o casamento com o commendador, homem devasso, e cheio de dividas, e favorece o amor puro de Ernesto, moço virtuoso, e herdeiro d'um tio muito rico.

A scena muda para uma quinta no Lumiar, onde D. Carlota e Maria dão agazalho a Thereza, que andava mendigando, depois que Julio a expulsara de caza, á vista d'uma carta do pai, que lhe exprobase o adulterio. D. Carlota querendo saber a cauza porque o barão se oppõe ao cazamento com o commendador, obriga-o a declarar-se pai de Maria, a qual caindo ao mar fora salva por um pescador, e entregué a D. Carlota, que a criou e educou como se fosse sua filha. O barão convencido da innocencia da mulher pela confissão que Luiz da Costa lhe fizera á hora da morte, o que mais deseja agora é encontrar Thereza e Julio, para reparar uma grande injustiça.

Thereza, ao ouvir pronunciar o nome de Gaspar de Mendonça, conhece-o, desmaia, mas quando torna em si, como ignora a sua justificação, não ousa descobrir quem é, ao marido, nem á filha. Só quando vê que o Barão, por annular as promessas de cazamento, e doestar a José da Serra, o laçao venal d'outro tempo; fora provocado a duello pelo commendador, e que, para o impedir, revella a Maria que o desafiado é seu pai, e informada de que elle a julga innocente, nomea-se para o salvar, e cahe nos braços da filha.

O Campo Grande é o lugar do duello. O commendador tem remorsos de matar, talvez, um homem respeitavel, que pugna por sua filha; porém José da Serra, tiralhe os escrúpulos fazendo-lhe crer que o barão é um embusteiro, e propoem matarem-no ambos á falsa fé. O commendador recusa. Chega o barão, e antes de travar combate, declara que aquelle titulo encobre o nome de Gaspar de Mendonça, nome que elle julgava deshonorado. O commendador ao ouvi-lo deixa cahir a espada. E' Julio de Mendonça, que desde o momento em que expulsara da caza sua mãe, amaldiçoado de Deus, corraera a esquecer na embriaguez dos vicios os remorsos que o paiz lhe aviva, mostrando-lhe todo o horror da acção que praticara. Finalmente Thereza, Maria, Ernesto, e Carlota acoadem com o fim de obstar á briga. Thereza lança-se nos braços de Gaspar, e perdoa a Julio; José da Serra mostra-se arrependido, e o barão deixa-o na posse dos bens de seu antigo amo, podendo tirar-lhos.

O estylo é conveniente á qualidade da acção.

Singelo quasi sempre, não deixa de ser elevado quando a situação o pede.

A acção é bem conduzida. O defeito maior que poderia notar-se-lhe, seria a milagrosa salvacção de Maria; mas devemos observar que ella não sabe das raías do verosimil. Notaremos tambem, que no prologo, a entrada d'alguns saloios e saloias a chorar e a carpir, produz máu effeito, porque promove o rizo, em vez de desafiar o sentimento contrario.

O primeiro e segundo actos são pouco animados; mas o terceiro e quarto são magnificos, e denotam a grande habilidade e engenho do author. Folgamos, e muito pela boa acceitação que mereceu, e temos a esperanza de que não sera esta a ultima vez que o sr. B. Martins receberá do publico provas não equivocadas de quanto o admira.

Quanto ao desempenho, nada deixou a desejar. Todos os actores, e muito particularmente a sr.^a Talassi e o sr. Epifanio, concorreram, pelo bem que desempenharam os seus papeis, para o resultado que o drama alcançou. Dizemos todos os actores porque todos se esmeraram. Havemos de ser sempre justos, e por isso dizemos com prazer, que muito nos agradou ver a maneira porque a sr.^a Carolina Emilia desempenhou o papel de Maria. Saube comprehendendo-lo, e foi muito bem. Neste drama estreou-se a sr.^a Maria da Gloria. No segundo acto, aquelle segredo ao ouvido da sua amiga, é dito com muita naturalidade.

A comedia os *Penitentes Brancos*, posto que não tambem recebida como a *Mendiga*, é todavia uma pequena peça de merecimento, e chiste no dialogo, cujo unico defeito é prolongar infinitamente uma só situação.

As honras da representação cabem á sr.^a Maria Izabel, artista de extremo zello e intelligancia. O papel do supposto noviço mixto difficil de timidez e desembaraço, do acanhamento de um educando ignorante do mundo, e do moço aspirando ardentemente a elle, é traduzido pela distincta actriz com muito espirito e naturalidade. Apesar de visivelmente incommodada, este papel é para a artista uma verdadeira criação; e se o seu talento se applicasse a um quadro mais vasto e secundo, é evidente que os seus louvaveis esforços obteriam um exito ainda superior. O publico todavia, mesmo reprovando a peça; fez justiça á actriz.

A debutante, a sr. Maria da Gloria, com mais um pouco de naturalidade, realisarâ todas as esperanças que d'ella justamente se conceberam. Os srs. Tasso, Theodorico e Assis hoveram-se como actores experimentados que são!

VARIÉDADES.

BIOGRAPHIA

Angelica Catalani.

Ha tres mezes apenas, que morreu em Pariz, do cholera-morbus, uma das mais celebres cantoras do seculo desanove. Quem não tem ouvido fallar de *Catalani*, dessa encantadora *serea*, que soube entreter as horas vagas dos reis da santa aliança naquelle longo congresso, em que se deviram os despojos do conquistador do mundo?

O nome de *Catalani* está envolvido com os maiores acontecimentos da historia contemporanea, e não podemos consentir, que uma tão elegante sombra passe para as eternas regiões, sem lhe termos dito adeos. Já que podemos obter da familia da illustre cantora os mais exactos esclarecimentos, estamos habilitados para contar com certeza esta vida, que ficará marcada nos annaes da arte.

Angelica *Catalani* nasceu em *Sinigaglia* pequena cidade dos estados pontificios, em Outubro de 1779. Seu pai, homem muito honrado, era magistrado, especie de juiz de paz, e custava-lhe muito a sustentar e educar uma familia numerosa, composta de seis filhos, duas meninas e quatro rapazes. Para augmentar os seus rendimentos, o pai da futura *prima donna* negociava em diamantes, commercio que devia produzir grandes lucros em razão de ser aquella terra, onde se fazia a maior feira da Italia. Todavia para aliviar o peso de tão grande familia, o pai de *Catalani* foi obrigado a metter sua filha *Angelica* n'um convento, onde mais tarde devia professar. *Angelica* entrou effectivamente no convento de *Santa Luzia de Gubbio*, situado a pouca distancia de *Sinigaglia*. Para o pai de *Catalani* conseguir que sua filha fosse admittida n'um estabelecimento consagrado exclusivamente á educação das filhas dos fidalgos, teve de recorrer a algumas se bem que remotas relações de parentesco, que tinha com a casa dos *Mastai*, cujo venerando e augusto representante é hoje Pio IX. A Italia offerece bastantes destes contrastes. A alliança da religião com a arte, do inflexivel dogma com a mais mundana fantasia, formam uma das maiores bellezas do seu typo.

Foi no convento de *Santa Luzia de Gubbio*, onde a joven *Angelica* recebeu as primeiras lições de musica. O convento italiano no fim do seculo XVIII era uma especie de conservatorio, em que se cultivavam unicamente a oração, a musica e o amor: e na opinião d'um amavel theologo — *pregare-amare-cantare* são tres palavras diferentes, mas exprimem um só e unico desejo. Já se vê portanto que se devia cantar muito no convento de *Santa Luzia*. Todos os domingos e dias santos as religiosas e novicas enchiam as abobedas da capella com a harmonia das suas vozes.

No meio destas vozes virginaes bem depressa

sobresahiu a de *Angelica Catalani*, cujo timbre, extensão, e flexibilidade admirava as suas companheiras. As religiosas querendo aproveitar tão raras faculdades; fizeram com que ella cantasse alguns *solos* que attrahiram bastante numero de adorações a Santa Luzia Patrona do convento. Vamos ouvir a *maravilhosa Angelica* — dizia-se na cidade nos dias de festa; e uma grande affluencia corria ás portas da capella, onde como no Paraizo eram mais os chamados, do que os escolhidos. Estes triumphos algum tanto profanos scandalisaram as almas devotas, e o bispo ordenou que se supprimissem os solos da joven *Angelica*! Este prelado não era amator da musica, e estava nas circumstancias de fazer companhia áquelle grupo de espiritos timoratos, que do fundo da *Thebatda de Port-Royal des Champs* parecia, que pediam a Deus perdão de ter nascido, e procuravam sob o cilicio de *Paschal* abafar a gloria e magnificencia do seculo de Luiz XIV.

Felizmente a prioreza do convento de *Santa Luzia de Gubbio* não partilhava os principios rigoristas da madre *Andilly*, e com mais intelligencia do que o bispo, não se quiz privar d'um elemento de triumpho, que aproveitava tanto aos pobres, como á verdadeira piedade. Usou d'um innocente subterfugio. Collocou *Angelica Catalani* por traz d'um grupo de noviças. Por este modo ficava escondida aos olhos da curiosidade; e a sua voz misturava-se com as outras. Todavia os fieis não se deixavam vencer por este obstaculo, e punham-se nos bicos dos pés para descobrir o rosto da encantadora menina, que tanto os deleitava. A emmoção chegou ao enthusiasmo, quando em o dia d'uma grande solemnidade a encantadora *Angelica* vestida de roupas tão brancas como a sua alma, cantou um *Ave Maris Stella*, que arrebatou os corações. Todos queriam vêr, todos desejavam abraçar *la virginella* tão ricamente dotada por Deos.

Catalani continuou no convento até aos quatorze annos. Apesar das vivas instancias, que dirigiam a seu pai, não o podiam decidir a encaminhar o talento de sua filha para fins profanos. A sua piedade, e o seu emprego lhe faziam olhar com repugnancia para tudo, o que dizia respeito a theatro. Vencido afinal pelas lagrimas de *Angelica*, pelas vivas instancias de toda a familia consentiu em mandar sua filha a *Florença* para estudar com *Marchesi*, que era n'aquella época o melhor suprano da Italia.

Marchesi era justamente o mestre necessario para dirigir *Angelica Catalani*, e para lhe preparar os gloriosos destinos, que alcançou. Dotado d'uma excellente figura, e d'uma voz de *mezzo-suprano* forte e prodigiosamente facil, distinguia-se este cantor especialmente pelo effeito e magnificencia da vocabilidade. Tinha nascido em Milão em 1755, estreou-se em Roma em 1774 n'um papel de mulher, que produziu grande successo, depois percorreu toda a Italia, e visitou as primeiras capitais da Europa, encantando a todos que o ouviam. A primeira vez, que cantou em *Vienna* excitou um fanatismo tal, que todas as senhoras começaram a trazer medalhas com o seu retrato. Col-

locavam-as no meio do seio, como se fosse uma castíssima imagem, que nem devia inquietar a confiança dos maridos; nem excitar o zelo dos amantes.

Já n'outra occasião tractamos da influencia, que os castrados exerceram na arte de cantar, e da grande revolução musical, que os fez desaparecer para sempre da scena italiana. Estas singulares creaturas, victimas da aberração mais monstruosa do espirito humano, manifestavam um character e um temperamento celebre e doentio. Por exemplo *Marchesi* não gostava senão de representar papeis de homem; que lhe permittissem levar um grande capacete ornado de plumas pretas, ou brancas. Queria sempre entrar em scena descendo pela encosta d'um monte, do alto do qual podesse gritar: *Dove son io?* Exigia depois um toque de corneta para poder exclamar ainda: *Odi lo squillo della tromba guerriera!* e assim que acabava de dizer isto, avançava para o proscenio, e invariavelmente cantava um rondó, composto de dous movimentos oppostos, em que maldizia a sua cruel sorte *cruda sorte*, e lançava para o ar um diluvio de gammas e volatas, que fluctuavam, e brilhavam com as plumas e o aço do seu capacete. O rondó que *Sarti* escreveu para *Marchesi* na opera *Achile in Sciro*:

Mia speranza, io pur vorrei.

viajou por toda a Europa. *Marchesi* cantou-o em toda a parte, intercalou-o em todas as suas operas: era o seu grande cavallo de batalha, e o que os italianos chamam *l'aria di baule*. *Marchesi* era um cantor brilhante, mas frio, e d'um gosto equivoco. Nem pathetico como *Guadagni*, nem admiravel no estylo como *Pacchiarotti*. Muito affeiçãoado á casa d'Austria *Marchesi* nunca quiz cantar diante de Napoleão, a quem chamava usurpador. Deixou o theatro no principio de 1806, o retirou-se para Milão, sua patria onde morreu em 1829 de 74 aunos, deixando uma bella fortuna, de que tiuha feito sempre um optimo uso.

(Continuar-se-ha).

EPSECTACULOS.

THEATRO DE S. CARLOS.

Quarta feira 31 de Outubro — Expectaculo — Alzira — bailado analogo e tercetto.
A's 8 horas.

Quinta e Sexta feira, não haverão espectaculos por serem dias exceptuados.

THEATRO DE D. MARIA II.

Domingo 4 de Novembro. — O Templo de Salomão.

Principia ás 7 horas e meia.

Apezar do muito que agradou o drama — A Mendiga — a direcção para satisfazer aos muitos pedidos e instancias do publico, e poder ser aproveitada a occasião pelas familias de fóra de Lisboa, resolveu dar mais quatro representações do drama — O Templo de Salomão — a contar de domingo (4 do corrente) e seguindo na terça feira 6, quinta 8, e domingo 11; as quaes serão irrevogavelmente as ultimas.

THEATRO DE D. FERNANDO.

Situado no largo de Santa Justa.

Dirigido por Emilio Doux, empresario e ensaiador

Quarta feira 31 do corrente — a 3.^a representação do drama em 5 actos — Adriana Lecouvreur — Comedia em 1 acto — A mulher da perna de pau — A sr.^a Emilia das Neves e Souza desempenhará o papel de Adriana Lecouvreur.

Preços dos camarotes, platéa, gallaria, e varanda.

Frizas de frente.....	2\$000
» dos lados.....	1\$600
1. ^a Ordem de frente.....	2\$400
» dos lados.....	2\$000
2. ^a Ordem de frente.....	2\$000
» dos lados.....	1\$600
3. ^a Ordem de frente.....	1\$200
» dos lados.....	1\$000
Galleria de frizas.....	\$480
Platéa.....	\$360
Varanda.....	\$200

Adverte-se que os dias destinados para as representações neste theatro, são terças feiras, quintas, domingos e dias santos, sendo as sextas feiras para beneficos.

THEATRO DO GYMNASIO.

Sabbado 3 de Novembro — Em beneficio — Um tutor de 20 annos — em 2 actos — As pequenas misérias — 1 acto — A' Porta da Rua — 1 acto — Não foi ao Jardim — 1 acto.

Domingo 4. — 1.^a representação da comedia em um acto — Uma Cadeira para dois — Qual dos dous — opera comica em 1 acto — Cada qual no seu officio 2 actos — A troca dos Vestidos — 1 acto.
A' 7 horas e meia.